

Uma sociedade formada por Trein, Mentz e Renner: Uma pesquisa sobre as indústrias *A.J. Renner* de Porto Alegre/RS e seus empresários

A corporation formed by Trein, Mentz and Renner: A research on the industries A.J. Renner from Porto Alegre/RS and their businessmen

Jéssica Bitencourt Lopes*

Resumo

Em 1911 na região colonial de São Sebastião do Caí foi fundada uma fábrica têxtil que alguns anos depois, transferida para Porto Alegre, transformou-se em um dos maiores e mais influentes conglomerados industriais brasileiros do século XX, as *indústrias Renner*. Tendo isso em vista, o presente artigo pretende compreender quem eram os empresários que compunham o empreendimento Renner, assim como, o lugar ocupado por esse grupo no processo de industrialização do Rio Grande do Sul. Para isso, o estudo juntamente com uma revisão bibliográfica do grupo e seus empreendedores, terá como ponto de partida os arquivos atrelados a indústria *A.J. Renner & Cia* homologados, e posteriormente arquivados na agora *Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul* (JUCIS-RS).

Palavras-chave: Indústrias *A.J. Renner*; empresários; Porto Alegre/RS.

Abstract

In 1911 in the colonial region of São Sebastião do Caí, a textile factory was established that, a few years later, when transferred to Porto Alegre, became one of the biggest and most influential Brazilian industrial conglomerates of the 20th Century, the Renner industries. With that in mind, the following article aims to comprehend who were the entrepreneurs who made up the Renner company, as well as the role taken by the group in the industrialization process of Rio Grande do Sul. For that, the study, alongside a literature review of the group and their entrepreneurs, will have as starting point the files connected to the *A.J. Renner & Cia* industry, homologated and subsequently filed in the now Commercial, Industrial and Services Joint of Rio Grande do Sul (JUCIS-RS).

Keywords: *A.J. Renner* industries; entrepreneurs; Porto Alegre/RS.

* Universidade Federal de Pelotas. E-mail: jessicabitencourt@outlook.com.

Considerações iniciais

As Lojas Renner S/A, que surgiu como subsidiária da indústria *A.J. Renner & Cia*, é hoje o maior estabelecimento varejista de moda do Brasil, faturando em 2018 o valor de R\$ 9,7 bilhões de reais (*Época Negócios*, 2019). Seguidamente descrita como “a empresa sem dono”, as *Lojas Renner* separam-se burocraticamente da *A.J. Renner* em 1965, entretanto, permaneceu sob controle familiar até 1998 quando foi vendida para uma grande varejista norte-americana, a *J.C. Penney*. A partir disso, o empresário José Galló¹ assumiu a presidência do empreendimento durante os próximos 27 anos, transferindo esse cargo em abril de 2019.

Pela primeira vez, uma empresa do país pulverizou 100% de seu capital no mercado, eliminando a tradicional figura do acionista controlador que dá as cartas no negócio. “É a democratização do capital”, afirma Nelson Spinelli, vice-presidente do Conselho de Administração da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). [...] Os papéis foram vendidos pelo preço mínimo estimado (37 reais por ação), totalizando uma captação de 775 milhões de reais. A operação atraiu mais de 80 investidores institucionais, como fundos de previdência privada, sendo cerca de 30 brasileiros e o restante estrangeiro. Em termos geográficos, os fundos americanos compraram 43% da empresa, os europeus, 35%, e os brasileiros, 21% (EXAME, 2010).

O sucesso da *Lojas Renner S/A* fazem com que esse seja um nome conhecido e respeitado no país e exterior. A família Renner, mesmo não estando mais sobre o controle desse negócio, possui membros atuando no meio empresarial, fazendo dos Renner um nome respeitado no mundo dos negócios². Conforme o último documento que encontramos relativos à indústria têxtil de Antônio Jacob Renner (A.J. Renner) na JUCIS-RS, em 1998 a então Sociedade Anônima foi extinta por incorporação a firma ASTRA- Cia de Administração e Comércio, pois já não havia negociação de suas ações desde 1967 (*A.J. RENNER S/A*, 1998).

O lugar de distinção alcançado atualmente pelos negócios que levam o nome Renner, sendo que além das *Lojas Renner*, há pelo menos mais dois empreendimentos de destaque, a *Tintas Renner* e o *Banco Renner*, não é por acaso, mas sim fruto de uma história de diferentes estratégias empresariais. Nesse sentido o presente estudo, que é fragmento de uma pesquisa maior que tem analisado o papel de um periódico institucional para a consolidação do poder do grupo, buscará responder as seguintes questões: Quem são os empresários da indústria têxtil da Renner? E qual é o lugar dessa indústria dentro do processo de industrialização do Rio Grande do Sul?

No dia 7 de maio de 1954, ocasião em que A.J. Renner, diretor-presidente e fundador das *indústrias Renner* completara seu 70º aniversário, a firma *Frederico Mentz S.A* lhe presta uma conveniente homenagem.

¹ A família Galló é conhecida em Caxias do Sul- RS por conta do empreendimento têxtil do italiano Hércules Galló, avô de José Galló, na região de Galópolis no início do século XX. Para mais informações ver: Instituto Hércules Galló <<http://www.herculesgallo.com.br/>>.

² Para visualizar um pouco da atuação da família Renner e Mentz na atualidade, ver: Frederico Renner Mentz: o novo *mindset* gaúcho. **GaúchaZH**. 04 de julho de 2019.

[...] inaugurando, em expressiva solenidade nos seus escritórios, um quadro a óleo do Diretor-Presidente da nossa empresa. Participando daquela sociedade, desde de 1907, quando na mesma ingressou com um pequeno capital na então vila de São Sebastião do Caí, o sr. A.J. Renner continua até hoje como um sócio do antigo estabelecimento e de outras organizações comerciais Mentz (*Boletim Renner*, 1954, p. 3).

A homenagem da firma, juntamente com o discurso proferido por Germano Alfredo Marquardt, genro de Frederico Mentz e um dos diretores do estabelecimento, assim como, os nomes presentes na solenidade foram publicados no jornal de grande³ circulação *Diário de Notícias*, sendo que o próprio periódico também parabenizava o industrial.

Pertencendo a diversas e importantes organizações, A.J. Renner tem, também seu nome ligado a inúmeras associações, que já de há muito o consagraram pelo seu espírito filantrópico, sempre com novas iniciativas, especialmente no âmbito social, em cujo terreno fala melhor a sua modelar e quicá impar organização, dentro da qual bem como fora dela, goza de uma estima geral (*Diário de Notícias (RS)*, 1956, p. 9).

Neste mesmo mês de maio, o *Boletim Renner* trazia uma matéria sobre a dita homenagem. A seguinte matéria cita a ausência de A.J. Renner na solenidade, pois estaria “[...]em viagem pela Europa com sua excelentíssima esposa (*Boletim Renner*, 1954, p. 4)” e também comenta o discurso proferido pela *Frederico Mentz S.A.*

Há um traço de marcante afinidade entre os empreendimentos Mentz e Renner [...] A homenagem, pois, que as organizações Mentz prestaram ao antigo sócio de 1907, A.J. Renner, tem o sentido de reafirmação de uma velha amizade que perdura através do tempo, enraizada por um passado de trabalho fecundo, de perseverança e de fidelidade recíproca (*Boletim Renner*, 1954, p. 4).

Essa antiga relação entre os negócios e as famílias também ganhou destaque no discurso de Germano Marquardt:

Iniciada há mais de cem anos como instrumento das trocas indispensáveis entre a agricultura local e o comércio da Província, no amago da imperial Colônia de São Leopoldo: transferida para as margens do rio Caí, que foi por muito tempo, o caminho líquido de nossa prosperidade agrícola: ancorada por fim, nesta Porto Alegre de dinâmica atividade, ela como os rios que formam o nosso estuário, fez-se da união das famílias Mentz e Renner ao velho tronco dos Trein, através do grande e inolvidável animador de iniciativas, do progressista e incansável trabalhador que foi o nosso titular, o saudoso Frederico Mentz (*Diário de Notícias (RS)*, 1956, p. 9).

Partindo dessas colocações, publicadas em diferentes periódicos, certificamos a importância da relação entre essas diferentes famílias para a criação e consolidação dos negócios Renner. Tendo isso em vista, para montarmos esta narrativa das *indústrias Renner* e de seus empresários, além de analisarmos as atas da JUCIS-RS, recorreremos a revisão

³ Jornal de Porto Alegre (fazia parte dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand) com circulação em todo estado.

bibliográfica que utilizará as biografias institucionais do empresário A.J. Renner e pesquisas acadêmicas que de alguma forma se referem a Renner e seus empreendedores.

O setor têxtil na industrialização gaúcha

A historiadora Maria Karina Ferrareto, apresentou em sua dissertação, uma das mais recentes discussões sobre o processo de industrialização nacional e, mais especificamente sul-rio-grandense. Através de ampla revisão bibliográfica a autora chega ao corolário de que a indústria brasileira teve início por meio de três fatores que, mesmo distintos, andaram conjuntamente, sendo eles: as condições econômicas e políticas favoráveis, o surgimento de uma nova elite empresarial e urbana e a disponibilidade de mão de obra (FERRARETO, 2017, p. 24).

A industrialização gaúcha teve um desenvolvimento peculiar, considerando que nas demais regiões do país os investimentos industriais vieram de um acúmulo de capitais gerado pela exportação do café. Tendo isso em vista, se desenvolveu no Estado dois modelos distintos de industrialização, um que teve como polo as cidades de Pelotas e Rio Grande com grandes estabelecimentos que produziam para exportação nacional e outro que, concentrado na região metropolitana de Porto Alegre, se caracterizou pela diversidade de ramos e pequenas indústrias que atendiam principalmente o mercado regional. Há uma extensa discussão sobre o processo de industrialização no Rio Grande do Sul⁴. Para os fins dessa pesquisa, entenderemos como industrialização um movimento de modernização e urbanização, que abrange a inserção tecnológica, o emprego de mão de obra assalariada, e por vezes especializada e o ritmo industrial de trabalho e produção, que levou a intensas mudanças sociais e econômicas (PESAVENTO, 1985, p. 17).

Neste mesmo sentido, ainda tomando as concepções de Sandra Pesavento (1985) concordamos que a origem do capital aplicado no processo de industrialização gaúcho teve origens distintas, ou seja, houve fábricas que através do capital comercial já nasceram prontas, houve indústrias que surgiram por meio da evolução do artesanato, outras pequenas manufaturas que se desenvolveram pelo capital comercial, indústrias que surgiram e se desenvolveram por meio do capital bancário e empreendimentos de burgueses imigrantes que já vinham de seu país com capitais e conhecimentos necessários para o investimento fabril.

Há uma concordância entre os historiadores do processo, que a imigração, principalmente a alemã, teve papel primordial na industrialização rio-grandense⁵. Diferente daqueles imigrantes que ocuparam o restante do país substituindo a mão de obra escravizada nas lavouras de café, o imigrante no Rio Grande do Sul, recebia um lote de terras onde desenvolveria a agricultura de subsistência, o que acabava trazendo maior liberdade econômica

⁴ Há pelo menos três perspectivas distintas, defendidas pelos seguintes autores: (TEJO, 1979), (ROCHE, 1969) e (PESAVENTO, 1985, 1988).

⁵ Entre eles podemos citar principalmente (ROCHE, 1969).

para investimentos e acúmulos de capitais. Esses imigrantes desenvolveram entre si uma rede mercantil de produtos feitos através do aproveitamento de matérias-primas que proviam da agricultura e pecuária, como o curtume, a banha e as conservas, e esses produtos vieram a substituir as importações estrangeiras, abastecendo assim o mercado interno com artigos produzidos na própria região (COSTA, 1989).

Tatiana Bartmam (2012) busca em seu estudo historiográfico entender o posicionamento de diversos autores sobre a relevância do imigrante no processo de industrialização do Rio Grande do Sul, salientando como cada um deles entende o início do processo. Para a autora, além da importância das atividades coloniais tanto para a experiência nos negócios urbanos, como para o acúmulo de capitais, é essencial notabilizar que o desenvolvimento da indústria deve muito às políticas econômicas nacionais e estaduais. Conforme Heloisa Reichel (1978), a industrialização sobrevive do final do século XIX ao início da década de 1930 entre crises e injeções cambiais e somente na terceira década do século XX que a indústria tornar-se-ia um empreendimento estável, ganhando espaço progressivo na economia nacional por conta das impossibilidades de importação e exportação que devido à crise que se instalará no fim da década de 1920 abriu espaço para a economia industrial.

O setor têxtil ocupa um lugar de destaque na indústria sul-rio-grandense, por conseguinte apresenta bom desempenho na indústria nacional, fazendo do Rio Grande do Sul, em 1907, o terceiro maior polo industrial do Brasil, no que tange o número de estabelecimentos, capital empregado, mão de obra e valor de produção. Foi a partir da indústria têxtil que o Rio Grande do Sul consolidou suas bases industriais, tornando esses os maiores empreendimento fabris do estado. A fábrica Rheingantz, por exemplo, fundada em 1873 no município de Rio Grande é a primeira na fabricação de lã no Brasil e o empreendimento de maior destaque nos estudos da indústria gaúcha⁶.

No caso das indústrias têxteis, entretanto, a existência de capitais também era importante, já que este era o ramo que exigia maior assimilação de tecnologia moderna. O Rio Grande do Sul, dentre os demais estados, foi um dos que apresentou estes fatores em bom nível de desenvolvimento, sendo que na sua origem, se encontram vinculados a uma produção agrícola diversificada e a um comércio que se desenvolvia no interior do Estado e no mercado nacional (REICHEL, 1978, p. 22-23).

Contudo, nem todas as indústrias têxteis funcionavam da mesma maneira e desenvolviam-se no mesmo movimento. Diferente da maioria dos ramos da indústria gaúcha que na primeira década do século XX caracterizou-se pelo mercado interno, a indústria de tecelagem e fiação foi uma exceção, exportando grandes quantidades para outros Estados do Brasil e para países vizinhos (REICHEL, 1978, p. 33). Aquelas cidades que estavam vinculadas aos centros de exportação, comercialização e produção como Pelotas e Rio Grande, produziam principalmente para a exportação e importavam sua matéria prima atendendo uma clientela

⁶ Sobre a Rheingantz ver: (FERREIRA, 2002) e (PAULISTSCH, 2003).

nacional que preferira investir na produção de peças em algodão e brim. Enquanto isso, as indústrias localizadas na zona colonial e na capital investiram no mercado interno e na produção de produtos com matérias primas do próprio Estado, estabelecendo indústrias menores. Os dois modelos de empreendimentos enfrentaram problemas, enquanto o primeiro sofria com a concorrência dos produtos do Sudeste brasileiro e também com os custos da importação de matérias primas, o segundo tinha problemas em relação ao capital que era gerado exclusivamente no comércio interno levando a difícil acumulação e, portanto, ao baixo desenvolvimento.

Os empreendedores e a formação das *indústrias A.J. Renner*

No dia 2 de janeiro de 1911 foi protocolada, na então Junta Comercial de Porto Alegre, uma sociedade industrial, uma fábrica de tecidos, que levava o nome de seu primeiro gerente, *Frederico Engel & Cia*. Neste documento além de ser constatado o investimento inicial, na quantia de cinquenta e dois contos de réis, também é possível verificarmos o nome dos investidores e a quantia depositada por cada um.

Tabela 1: Relação de sócios com seus investimentos na *A.J. Renner & Cia*, 06 de fevereiro de 1911.

NOME	CAPITAL
ADOLFO ODERICH	5:000,000
ANTÔNIO JACOB RENNER	5:000,000
CARLOS ODERICH	2:000,000
CHRISTIANO TREIN	5:000,000
FELIPPE RITTER	5:000,000
FREDERICO ENGEL	5:000,000
FREDERICO JACOB MICHAELSEN	5:000,000
FREDERICO MENTZ	5:000,000
FREDERICO MÜLLER	3:000,000
JOÃO ELIAS NABINGER	5:000,000
REINALDO SELBACH	5:000,000
RODOLFO KALLENBACH	2:000,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Foi no contexto apresentado no texto acima, que em 1911 o grupo de empresários listados na tabela 1, que se dedicavam principalmente ao transporte fluvial e pequenos empreendimentos industriais e comerciais, afetados pelo alongamento da estrada de ferro na primeira década do século XX e, conseqüentemente pela perda de mercados para produtos metropolitanos, passaram a investir em novos negócios (PELLANDA, 1944). A ideia inicial, de financiar e instalar uma indústria têxtil em São Sebastião do Caí, parecia promissora, porém dentro de um ano os teares de madeira instalados em um galpão e as técnicas empregadas não se mostraram eficazes para o desenvolvimento da fábrica, nisso diversos sócios acabaram retirando-se do negócio, tornando necessária uma decisão sobre o futuro da pequena fábrica,

assim foi nomeado A.J. Renner para dirigir o negócio que receberia investimento financeiro para adquirir um maquinário mais moderno.

A.J. Renner tinha depositado ali suas esperanças e economias. Por isso na reunião dos acionistas que decidiria o futuro da tecelagem, propôs seu nome para direção. Interpelado por Frederico Mentz, admitiu desconhecer os detalhes da fabricação de tecidos, mas prometeu vencer os desafios se merecesse confiança dos sócios. Renner tinha aprovação de Mentz, pois chegará a ocupar um cargo de gerência na Christian J. Trein & Cia, sob os auspícios daquele. Nascia assim, em 2 de fevereiro de 1912, a A.J. Renner e Cia (AXT. BUENO. 2013, p. 45).

Após um ano do primeiro contrato, a firma vai novamente a JUCIS-RS afim de registrar alterações e prorrogação contratual. A partir disso, o nome é substituído para *A.J. Renner & Cia*, sendo ele o novo gerente do estabelecimento. Além disso, o capital do empreendimento é aumentado para cem contos de réis, registrando também uma nova relação de sócios investidores.

Tabela 2: Relações de sócios com seus investimentos na A.J. Renner & Cia, 02 de janeiro de 1912.

NOME	CAPITAL
ADOLFO ODERICH	5:000,000
ANTÔNIO JACOB RENNER	14:000,000
CARLOS ODERICH	2:000,000
CHRISTIANO J. TREIN E CIA	20:000,000
CHRISTIANO TREIN	5:000,000
FELIPPE RITTER	5:000,000
FRANCISCO BARBOSA COUTINHO	5:000,000
FREDERICO ENGEL	5:000,000
FREDERICO JACOB MICHAELSEN	5:000,000
FREDERICO MENTZ	14:000,000
FREDERICO MÜLLER	3:000,000
FREDERICO TREIN	5:000,000
JOÃO ELIAS NABINGER	5:000,000
REINALDO SELBACH	5:000,000
RODOLFO KALLENBACH	2:000,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Percebemos que a nova relação de investidores tem a *Christiano Trein & Cia* como principal investidor. A família Trein foi reconhecida principalmente pelos seus investimentos comerciais. Francisco Trein, pai de Christiano Trein, emigrou de Amsterdã em 1825 com 9 anos e após contrair matrimônio em 1847 com a também imigrante Catharina Kessler, abriu uma casa de negócios, que viria a prosperar grandemente, na região da linha de São José do Hortêncio em São Sebastião do Caí (MARTINY, 2010, p. 57-58). Além dos negócios comerciais, a família Trein também se envolveu na política local. Martiny (2010, p. 121), contrariando estudos

anteriores que salientam a dificuldade, ou mesmo inexistência dos imigrantes na política local, mostra que na primeira eleição Municipal de São Sebastião do Caí, Francisco Trein presidia a mesa como juiz de paz, um cargo de relevância para na política Municipal. A historiadora defende que o poder político era conquistado por conta da influência da posição que o indivíduo ocupava na sociedade, no caso de Trein, a posição de um homem de negócios lhe trazia prestígio social. Christiano Trein, seguindo os passos do pai, tornou-se reconhecido pelos sucessos comerciais, além de também envolver-se com a política local quando, em 1892, foi eleito para compor o primeiro Conselho Municipal de São Sebastião do Caí.

A família Trein, a partir de suas alianças matrimoniais com membros de famílias germânicas de *status*, assegurava seu poder em várias esferas sociais, fossem políticas, industriais ou comerciais. Francisco Trein casou seus filhos com membros de famílias abastadas, entre eles Christiano, Felipe Carlos, João Jacob e Frederico Guilherme que se casaram os três primeiros com filhas e o último com uma das irmãs de Jorge Henrique Ritter que além de grande comerciante, que investia no ramo cervejeiro, fato que tornara a família Ritter conhecida pela historiografia⁷. Os capitais gerados pelos comércios de Trein e Ritter, de certa forma estariam intrinsecamente ligados, pois a aliança matrimonial vinha junto as sociedades de negócios.

Três dos filhos de Francisco Trein – Felipe Carlos Trein, Christiano Jacob Trein e João Jacob Trein – como já apontamos, casaram-se com filhas de Henrique Ritter. Estas eram não somente filhas de um grande comerciante de São José do Hortêncio como também irmãs de Henrique Ritter Filho, vereador em São Sebastião do Caí no período 1887-1890. Já Catarina Ritter, esposa de Frederico Guilherme Trein, era tia do mesmo Henrique Ritter Filho. Francisco Trein Filho, por sua vez, casou-se com Margarida Zirbes, filha do vereador Guilherme Zirbes (formação camarária 1881-1882), ao passo que Júlio Trein, contraiu matrimônio, em primeiras núpcias, com Maria Cristina Schmidt, filha de João Jacob Schmidt Filho, vereador em São Sebastião do Caí nos períodos 1877-1880 e 1881-1882. Outro filho do vereador Schmidt, João Jacob Schmidt Filho casou-se com Maria Mathilda Trein. Ainda entre os filhos do patriarca Trein, foi Frederico Trein quem contraiu matrimônio com Carolina Noll, sobrinha do vereador Pedro Noll, que exerceu o cargo, no período imperial, na composição camarária dos anos 1883-1886 e, no período republicano, em 1896-1900 (MARTINY, 2010, p. 107).

Christiano Trein usando a mesma estratégia do pai se casou pelo menos duas de suas filhas com membros de famílias promissoras. Catarina casou-se com Frederico Mentz e Mathilde com A.J. Renner. A partir dessas alianças matrimoniais, Trein, Mentz e Renner se uniram em grande amizade e negócios, estando seus nomes relacionados no âmbito pessoal e profissional. Assim, o sucesso de um deles representava o sucesso dos outros, logo, as famílias Renner, Mentz e Trein cresceram progressivamente como comerciantes e industriários do Rio Grande do Sul.

⁷Sobre a família Ritter, ver: (BEISER, 2012).

A. J. Renner nasceu na região de Santa Catarina do Feliz que era integrada ao município de São Leopoldo-RS no dia 7 de maio de 1884. Foi batizado com o nome do seu pai, Jacob Renner, um conhecido construtor de moinhos que mais tarde fundou uma padaria e uma refinaria de banha na cidade de Montenegro-RS, que posteriormente viria a constituir o *Frigorífico Renner* que ficou sob responsabilidade de Júlio Renner, irmão de A.J. Seu avô se dedicava ao cultivo da terra, mas também estava envolvido em pequenos empreendimentos industriais e com a compra e venda de máquinas de costuras e instrumentos musicais. A família Renner desde seu assentamento na região do Caí, demonstrou atração pelos centros populosos e pelos trabalhos não ligados ao campo, diferente da maioria dos imigrantes que se dedicaram exclusivamente para a agricultura, a família buscou seu lugar no comércio e na indústria (PELLANDA, 1944, p. 14).

Através do capital gerado por esses negócios Jacob Renner financia a ida do seu filho A.J. Renner, que no momento contava com 14 anos, para Porto Alegre onde o jovem empregou-se como aprendiz na joalheria de Carlos Foernges. Após cinco anos de trabalho e estudos na capital, A.J. Renner volta a São Sebastião do Caí onde, com a ajuda familiar, abriu sua própria casa de joias. Um ano depois, já sendo conhecido como um jovem promissor, A.J. Renner contrai noivado com Mathilde Trein.

Frederico Mentz, além de concunhado de Renner, tornou-se um grande amigo. O empresário que possuía investimentos em diferentes áreas, como a navegação e fabricação de banha, iniciou sua vida profissional trabalhando em balcões de casas comerciais, entre eles na casa Trein e em 1894 com a ajuda do então sogro, fundou a *Trein & Mentz*. Em 1907 transferiu seus negócios para Porto Alegre, onde entre outros desenvolveu uma urbanizadora e a fábrica de banhas Phoenix (MIRANDA, 2013). Da família Mentz, Benno, filho de Frederico, é atualmente o único indivíduo que recebeu alguma atenção mais elaborada dos pesquisadores. Ele dá nome a um extenso acervo composto de materiais principalmente sobre a imigração e colonização alemã. O Acervo Benno Mentz que teria sido iniciado por Frederico Mentz no início do século XX e que atualmente pertence, em regime de comodato, a Delfos que integra o Instituto de Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) sendo composto por material iconográfico, correspondências, jornais e periódicos principalmente de origem alemã, um extenso arquivo de genealogias e documentos das empresas da família (RAMOS, 2015).

Com a morte de Christiano Trein, em 1916, sua firma é incorporada pela *Frederico Mentz & Cia*, logo as aplicações da firma na *A.J. Renner & Cia* passam para o empreendimento de Mentz, assim como as aplicações de Christiano Trein enquanto pessoa física. Os filhos mais jovens de Trein, Arthur e Henrique são admitidos como novos sócios, entretanto percebemos que é o genro Frederico Mentz que acaba por encarregar-se dos negócios familiares, possivelmente, tomando para si o papel de novo chefe da família. A.J. Renner, ao escrever sobre Frederico Mentz, a quem trata com extremo carinho, aponta a relevância desse para o desenvolvimento do seu negócio, comentando, inclusive que mesmo com o sucesso já alcançado, ainda considerava Mentz como um chefe.

Houve mesmo uma ocasião em que dependeu de Frederico Mentz a continuação ou a liquidação da firma. Vale a pena lembrar o fato: era eu sócio também nas diversas empresas dirigidas por Frederico Mentz e Christiano J. Trein, mas a mim cabia somente a direção da fábrica de tecidos, que então enfrentava as maiores dificuldades para vencer. Tratava-se de uma indústria inteiramente nova em nosso meio, que carecia de quase tudo para manter-se e desenvolver. Todos os outros estabelecimentos apresentavam lucro, menos o que eu dirigia (AXT, 2000, p. 259).

Pensando no transporte de matérias primas e no mercado consumidor é proposto aos investidores que mudassem a fiação para a capital do Estado, Porto Alegre, e assim é adquirido o terreno do antigo prado, no bairro Navegantes, que vinha se constituindo em uma zona industrial, recebendo pequenas fábricas de imigrantes coloniais e trabalhadores interessados nas atividades urbanas e fabris (FORTES, 2004, p. 29-49). Durante dois anos A. J. Renner dividiu-se entre a capital e São Sebastião do Caí, enquanto na primeira cidade a matéria prima passava pelo processo de fiação, na segunda o fio era tecido e a peça confeccionada, voltando a Porto Alegre para o comércio. Nesse momento de transição, além de ocorrer um amplo aumento no capital da fábrica que foi de cem contos de réis para trezentos e cinquenta, houve uma importante reorganização de sócios.

Tabela 3: Relação de sócios com seus investimentos na A.J. Renner & Cia, dia 30 de dezembro de 1916.

NOME	CAPITAL
FREDERICO MENTZ E CIA	135:000,000
FREDERICO ENGEL	15:000,000
ALFREDO RENNER	25:000,000
REINALDO SELBACH	5:000,000
ANTÔNIO JACOB RENNER	25:000,000
ARTHUR TREIN	25:000,000
HENRIQUE TREIN	25:00,000
FREDERICO MENTZ	40:000,000
FREDERICO TREIN	40:000,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Neste momento, a Capa Ideal, peça de vestuário desenvolvida por A.J. Renner com a intenção de substituir o antigo pala, começava a fazer sucesso nacional levando ao crescimento progressivo da fábrica, que em 1916 viu a necessidade de unir todos os processos de fabricação em uma mesma localidade e assim foram adquiridos outros terrenos no Bairro Navegantes em Porto Alegre.

É, portanto, a localização dessa área, no encontro das vias que ligavam Porto Alegre ao restante do estado e do País (inicialmente o rio Guaíba, posteriormente as estradas de rodagem e de ferro que davam acesso as colônias do interior e finalmente o campo de pouso aéreo), que explica, tanto as origens do bairro Navegantes/São João quanto o fato dessa região vir a ter concentrado o crescimento acelerado da indústria

e da população da cidade, o que viria a se acentuar a partir da terceira década do século XX (FORTES, 2004, p. 36).

Analisando as atas da JUCIS-RS percebemos que, conforme o estabelecimento foi crescendo, o número de famílias representadas no empreendimento foram diminuindo, principalmente a partir de 1914, momento que a fábrica de tecidos passa a ser transferida para Porto Alegre, os sócios com investimentos menores acabam por se retirar do empreendimento e vender seus quinhões a outros membros.

Comparando a lista de sócios na abertura da firma com a lista de investidores de novembro de 1919 na tabela abaixo, notamos que em menos de uma década o capital foi de 52 contos de réis para 1 milhão, e que as três famílias principais acabaram por tomar para si todos os investimentos que não provinham de membros da família, exceto os de Frederico Engel, do qual trataremos adiante.

Tabela 4: Relação dos sócios com seus investimentos na *A.J. Renner & Cia*, dia 6 de novembro de 1919.

NOME	CAPITAL
ALFREDO RENNER	75:000,000
ANTÔNIO JACOB RENNER	260:000,000
ARTHUR TREIN	25:000,000
FREDERICO ENGEL	35:000,000
FREDERICO MENTZ	40:000,000
FREDERICO TREIN	110:000,000
FREDERICO MENTZ & CIA	35:000,000
HENRIQUE TREIN	25:00,000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Frederico Arnaldo Engel foi um investidor de relevância na história do empreendimento, sendo o único fora da rede familiar composta por Trein, Mentz e Renner que teria algum poder capital na sociedade, sendo que mesmo após sua morte, em agosto de 1941, sua esposa Luiza Schütz Engel e filhos Arnaldo e Edmundo Otto Engel acabam por sucedê-lo no negócio. Ao que tudo indica o comerciante era um grande amigo da família, principalmente de A.J. Renner, entretanto, mesmo tendo importância na sociedade, a A.J. Renner & Cia constituiu-se como um empreendimento familiar, utilizando dos capitais, das redes e das solidariedades construídas pelas famílias citadas. A presença de Engel, mesmo que importante, não torna isso diferente.

Porto Alegre, nos primeiros 40 anos do século XX, cresceu em ritmo acelerado e isso se deve, especialmente, ao processo de industrialização que passava o Bairro Navegantes. (FORTES, 2004, p. 32-33) ao trabalhar o crescimento do bairro, associa este a instalação e desenvolvimento da indústria de A.J. Renner, fazendo com que a história do bairro Navegantes estivesse intrinsecamente ligada ao sucesso da Renner.

Tabela 5: Aumento de capital da indústria *A.J. Renner & Cia* entre 1911-1940.

ANO	CAPITAL
06/02/1911	52:000\$000
02/01/1912	100:000\$000
30/12/1916	350:000\$000
06/11/1919	1.000:000\$000
09/04/1922	2.000:000\$000
09/04/1926	5.000:000\$000
25/01/1929	6.500:000\$000
10/06/1929	8.250:000\$000
17/10/1934	10.000:000\$000
28/12/1936	12.000:000\$000
18/01/1940	16.500:000\$000

Fonte: JUCIS-RS. (Tabela construída pela autora). 2019.

Reichel (1978, p. 46) ao trabalhar a situação da indústria têxtil no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), percebe que ocorreu um aumento no consumo do algodão nacional, pois na medida que a importação de produtos estrangeiros ficou difícil, não ocorreu uma queda no número de exportações, fazendo com que a demanda de produtos brasileiros aumentasse em solo nacional e não diminuísse no exterior. As indústrias nacionais que receberam investimentos financeiros antes do período de guerra conseguiram aumentar o número de produção, sem grandes alterações em suas capacidades produtivas, gerando um acúmulo de capitais.

Ao tempo que o número de empreendimentos têxteis crescia em Porto Alegre, nos centros exportadores de Rio Grande e de Pelotas a quantidade de fábricas permanecia a mesma. Sendo assim, o setor passou a ser mais notável no mercado interno, fazendo que mesmo com o crescimento da demanda regional, a participação do Rio Grande do Sul na economia nacional decrescesse tendo em vista o ritmo acelerado que a indústria do sudeste alcançou nesse contexto⁸

Ao fim do período de guerra, a indústria têxtil gaúcha continuava a liderar o processo de industrialização do estado. O conflito trouxe expressiva demanda de produtos, o que ocasionou, conseqüentemente, lucro as fábricas, no entanto verificou-se a regionalização do setor, que perdeu espaço no mercado nacional e ganhou no mercado estadual (REICHEL, 1978, p. 65.). Foi nessa conjuntura que as capas da Renner atingiram demasiado sucesso, provocando uma multiplicação do valor das suas vendas em quinze vezes no período de 1914 a 1919 (FORTES, 2004, p. 181).

⁸ São Paulo foi o estado mais favorecido, tendo em vista a maior capacidade de acumulação de capitais causada pela política de valorização do café.

No ano de 1921, a Renner produzia três modelos de capas, a Ideal, Colonial e Tropical, que tinham excelente demanda de consumo. Entretanto, preocupado com a saturação do mercado, em 1922, a Renner começa a diversificar sua produção têxtil, iniciando com modelos de ternos e *tailleur* do mesmo material impermeável das capas. Tendo em vista o clima de nosso país, na primeira viagem de A.J. Renner à Europa, foram adquiridos maquinários para a produção de peças leves, de fição penteada, logo, estendendo para produção de peças de malha, seda, calçados e chapéus o que acabou por exigir novas técnicas e equipamentos. Neste mesmo ano é inaugurada a primeira loja na Rua Doutor Flores, no centro de Porto Alegre, e uma rede de revendedores em todo o país, que trazia um novo conceito para o mercado, a roupa de prova, que já vinha pronta e permitia o ajuste no próprio local de compra.

Assim podemos perceber que na década de 1920 a Renner foi marcada por investimentos qualitativos e de capacidade produtiva, modernizando seus prédios, inserindo novas técnicas, tecidos e voltando suas atividades para novas peças que poderiam ser vendidas nacionalmente. Isto fez deste empreendimento uma exceção no Estado, considerando que a maior parte das indústrias têxteis enfrentou problemas com a estagnação de mercado que se iniciava em 1926 e pela saturação do mercado de lãs (REICHEL, 1978, p. 79).

Frederico Mentz faleceu em agosto de 1931, entretanto apenas em setembro de 1933 teremos outra alteração de contrato homologada. Nessa nova alteração o sócio Alfredo Renner retirou-se da sociedade e Catharina Mentz assumiu os quinhões do marido como sócio comanditário. Nesse mesmo contrato é reajustado o salário dos sócios solidários, que são aqueles que recebem pela gerência do estabelecimento, nesse momento A.J. Renner e Henrique Trein passam a receber respectivamente 5:000,000 e 4:000,000 contos de réis. Os demais sócios permanecem na posição de comanditários, ou seja, possuem direito a voto nas decisões da contratuais, porém não trabalham diretamente no estabelecimento, por conta disso não possuem um salário.

Entre 1930 e 1940 o setor industrial brasileiro cresce consideravelmente, enquanto a agricultura acabou por estagnar-se, diante disso a economia brasileira passa por uma reorganização e a indústria torna-se o setor mais dinâmico no desenvolvimento capitalista. Durante a década de 1930 além de ampliar a produção importando novos maquinários, a Renner diversifica ainda mais sua produção, investindo nas empresas colaterais já existentes e criando novas. Foram feitos novos investimentos na fábrica de tintas e óleos, fundada em 1927, criando em 1933 uma seção de latoaria, foi criada também uma fábrica de máquinas de costura em 1936 e mais tarde uma fábrica de porcelanas em 1947 (PELLANDA, 1944, p. 26).

Na década de 1930 A.J. Renner ingressou na vida política quando, em 1930, foi convocado pelo interventor Alberto Bins para junto a ele e outros industriais⁹ organizar um comitê de classe. Logo, em 7 de novembro de 1930, sob a presidência do próprio A.J. Renner, foi

⁹ Inicialmente fizeram parte dessa organização além de A.J. Renner, os empresários Ernesto Neugebauer, Oscar Campini, João Wallig, Alberto Jung e Oscar Gertum (METZ, 1991, p. 439).

fundado o Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul (CINFA-RS)¹⁰ que buscava defender os interesses da elite industrial gaúcha e ampliar seus espaços de atuação. Neste momento político conturbado, Renner já havia exposto seus posicionamentos publicamente, o que fez dele uma voz importante para na política gaúcha, a ponto de também nesse ano ser convidado pelo Secretário de Estado do Interior e Justiça, para fazer parte do Conselho Consultivo do Estado (AXT, 2000, p. 36-47). Em meio aos debates frente a nova Constituição, promulgada em 22 de julho de 1934, foi decidido inserir no Parlamento bancadas de classe, assim em 1935 A.J. Renner foi eleito como deputado representante dos empregadores da indústria. Entretanto, de acordo com sua biografia (AXT. BUENO, 2013) percebendo a impossibilidade de manter os interesses da representação classista de acordo com a luta partidária, Renner renunciou seu cargo em abril de 1937.

Mesmo longe do sistema político partidário, A.J. Renner permaneceu sendo uma figura importante para a política gaúcha. O presidente do sistema FIERGS, Renan Proença, em 2000, no momento em que fora escrito mais um dos livros da série Parlamentares Gaúchos, esse em homenagem a A.J. Renner, afirmou que “O desenvolvimento da indústria no Rio Grande do Sul tem nome e sobrenome: A.J. Renner (AXT, 2000, p. 15).” e assim Renner é citado como o patrono da indústria gaúcha.

Até esse ponto entendemos que A.J. Renner era a personificação das *indústrias Renner*. Entretanto, é importante assinalar que além deste empresário, Henrique Trein tornou-se um nome importante da administração da fábrica, aparecendo como sócio solidário desde 1934. Os filhos de A.J. Renner, Egon, Heini, Kurt, Otto e Herbert Renner também possuem cargos de gerência e diretoria, logo, também tiveram poder de decisão, especialmente Egon Renner¹¹. Assim, se mostra relevante conhecermos um pouco destes nomes, os quais podemos identificar como uma segunda geração de investidores, entretanto, não esquecendo que A.J. Renner permanecia como figura de destaque.

Nas fontes e bibliografias consultadas, pouco encontramos sobre Henrique Trein e os filhos de Renner. Sabemos que A.J. Renner preparou seus filhos para assumirem seus empreendimentos industriais, habilitando-os na língua inglesa e alemã enquanto faziam formação prática dentro das fábricas, e posteriormente, enviando-os para formação técnica e superior no exterior, onde se formaram engenheiros têxteis e químicos, e estagiaram em fábricas desenvolvendo e conhecendo métodos e técnicas que logo trouxeram para o Brasil e puderam aplicar nos empreendimentos familiares¹².

Em pesquisa aos periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos os nomes de Henrique Trein e os irmãos Renner sempre atrelados aos negócios família,

¹⁰ Em relação a CINFA-RS, ver: (METZ, 1991) e (NUNES, 2016).

¹¹ Por meio dos documentos pesquisados não é possível afirmar qual cargo exercido por cada um desses nomes, entretanto, tanto Henrique Trein como Egon Renner assumiram em momentos diferentes a vice-presidência da fábrica têxtil.

¹² Em relação aos planos de A.J. Renner para os filhos e suas formações profissionais, ver especialmente o capítulo “Construindo para o futuro” do livro: (PELLANDA, 1944, p. 56-61).

aparecendo em listas de sócios, assinando informações em relação as fábricas e marcando presença em solenidades representando o grupo. As informações que a pesquisa encontrou sobre esses membros, pelo menos nesse momento, não puderam nos dizer sobre a atuação desses dentro do grupo e para além dele. Diferente dos irmãos e do tio, encontramos vestígios de Egon Renner na historiografia relacionados a política municipal e ao movimento integralista gaúcho, do qual, foi um dos principais líderes (FORTES, 2004, p. 193).

Todas essas nuances em relação a história do empreendimento industrial que acompanhamos até aqui, sua colocação dentro do Estado e também daqueles que moveram suas engrenagens, são pontos importantes para entendermos as dinâmicas empresariais desse grupo no decorrer do século XX e sua consolidação.

Considerações finais

Ao longo desse artigo, compreendemos que as *indústrias Renner* são resultados de uma sucessão de decisões e estratégias de três famílias de descendentes alemães: Trein, Renner e Mentz. Por meio da análise empreendida, identificamos que o empreendimento se originou e se aprimorou a partir do capital comercial de Christiano Trein, exímio comerciante da região do Vale do Caí e sogro de A.J. Renner. Desta forma, amparada pelo capital comercial e familiar, a indústria têxtil iniciou seu trabalho na região do Caí e posteriormente mudou-se para Porto Alegre. Logo, a Renner é uma realização do trio Trein, Renner e Mentz, que através do matrimônio constituiu-se como uma grande família de negócios, mantendo laços de auxílio mútuo nas sociedades empresariais, sendo nomes importantes para compreendermos o empreendedorismo e a industrialização gaúcha.

No decorrer deste estudo, também foi possível visualizarmos as possibilidades dos documentos da JUCIS-RS para a pesquisa em história, principalmente naquela que busca compreender as empresas como agentes da estrutura social. Por intermédio desses arquivos, podemos compreender as redes empresariais formadas pelos investidores gaúchos e o desenvolvimento das indústrias e dos comércios do Estado no século XX, logo, se mostram como documentos válidos e ricos para a análise.

A elite vinculada a esses empreendimentos se modificou, assim como o mundo a seu redor. Apesar disso, durante a maior parte de suas histórias, esses negócios estiveram sobre administração de uma família, que por meio de suas heranças não apenas econômicas como também culturais e simbólicas prosperaram gerações e garantiram espaço de prestígio. Desta forma, estudar esse grupo nos permite compreender não só o jogo social dos afortunados do passado, mas também nos auxilia a compreender quem são aqueles que hoje se encontram no poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

AXT, Gunter (Org). **Parlamentares Gaúchos- A.J. Renner, discursos e artigos (1932-1952)**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS/CORAG, 2000.

AXT, Gunter. BUENO, Eduardo. **A.J Renner (1884-1966): Capitão das indústrias**. Porto Alegre: Editora Paiol, 2013.

BARTMANN, Tatiane. Industrialização e imigração no Rio Grande do Sul: Um estudo historiográfico. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Anpuh: História, Patrimônio e Memória**. 2012.

BEISER, Ana. **De uma fábrica de antigamente à uma indústria racionalizada: O processo de desenvolvimento da Ritter Alimentos**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.

Coleção do Boletim Renner (1949-1958). Acervo Processo de industrialização do Rio Grande do Sul (1889-1930) e movimento operário. Núcleo de Pesquisas em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Completo 70 anos, no dia 7 de maio, o sr. A.J. Renner. **Boletim Renner**. Porto Alegre. Maio, 1954.

Conheça as maiores redes de varejo do país e quanto elas faturam. **Época Negócios**. 19 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2019/08/conheca-maiores-redes-de-varejo-do-pais-e-quanto-elas-faturam.html>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

COSTA, Achyles Barcelos da. Algumas características da industrialização gaúcha. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.10, n.1, 1989, p. 24-46.

FERRARETO, Maria Karina. **Sociedades nem tão anônimas: um estudo prosopográfico sobre a elite empresarial de Rio Grande (1884-1913)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FERREIRA, M. L. M. **Os três apitos: memória coletiva e memória pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970**. Tese (Doutorado em História) –Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas**. Caxias do Sul: Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

Frederico Renner Mentz: o novo mindset gaúcho. **GaúchaZH**. 04 de julho de 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/07/frederico-renner-mentz-o-novo-mindset-gaicho-cjxotba0205i501o9vgwk6r95.html>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

JULIBONI, Marcelo. Venda de ações da Lojas Renner totaliza R\$ 775 milhões. **Exame**. 10 de outubro de 2010. Disponível em: <<https://exame.com/invest/minhas-financas/venda-de-acoes-da-lojas-renner-totaliza-r-775-milhoes-m0061715/>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul. Documentação da *A.J. Renner & Cia/A.J. Renner S/A*. 1911-1998.

MARTINY, Carina. **“Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município” Constituindo redes e consolidando o poder: uma elite política local (São Sebastião do Caí, 1875-1900)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

MARTINY, Carina. Famílias de elite e estratégias de manutenção de poder (São Sebastião do Caí, 1875-1900). **XI Encontro Estadual de História**. 2012. Acesso em 19 de janeiro de 2020. Disponível em: < http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346364361_ARQUIVO_anpuh2012CarinaMartinyFURGversaofinal.pdf>.

METZ, Marli. A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930. Porto Alegre: **Ensaio FEE**, 1991, p.422-444.

NUNES, Guilherme. O Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul: a Lei de Férias e a burla patronal (1930–1931). **Revista Latino-Americana de História**, v. 4, n. 14, 2015, p. 170-184.

PAULISTSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz: Uma vila operária em Rio Grande -RS**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PELLANDA, Ernesto. **40 Anos Renner- Indústria do Vestuário: uma organização vertical sem similar no país ou no exterior**. Porto Alegre: Renner, 1952.

PELLANDA, Ernesto. **A.J. Renner: Um capitão da indústria**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

PESAVENTO, Sandra Jatary. **A burguesia gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho (1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatary. **História da Indústria Sul-Rio-Grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

Prestada significativa homenagem ao industrial Sr. A.J. Renner pela firma Frederico Mentz S.A. **Diário de Notícias (RS)**, 1954, edição 56, p. 9. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso: 25 de janeiro de 2020.

RAMOS, Rosângela Cristina. Breve histórico do acervo Benno Mentz: Considerações sobre sua trajetória desde o século XIX. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis. 2015.

REICHEL, Heloisa. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul- 1910/1930**. Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1978.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

TEJO, Aurélio. **A indústria rio-grandense em função da economia nacional**. Porto Alegre: Globo. 1979.

Artigo recebido em 22/03/2021 e
aprovado para publicação em 09/09/2021